

Contextualização e Problematização

Segundo Immanuel Kant (1724-1804), no prefácio à segunda edição de sua obra *Crítica da Razão Pura*, existe erro ou ilusão no raciocínio, se não há um acordo, na comunidade científica, quanto aos objetivos traçados. Se o erro não ocorre, é porque se seguiu aquilo que o filósofo denomina de “via segura de uma ciência” (KrV BVIII), isto é, um método ou meio de se estabelecer regras e princípios para um conhecimento que independam da experiência sensível, a partir do que ele chama de “razão pura”, embora a experiência seja a base de aplicação e ampliação do conhecimento obtido pela capacidade humana.

Nesta linha, Kant herda uma tradição que vê no ‘espírito humano’ ou na ‘mente’ o fundamento primordial para que se possa conhecer algo. Essa tradição tem suas raízes fincadas na antiguidade e seu (re)florescimento na Renascença, período histórico de um forte resgate dos ideais greco-romanos nas ciências e nas artes. Neste período se inicia o surgimento ou a refundamentação de várias ciências hoje conhecidas, como a física, a astronomia, a engenharia, a química, a biologia, a psicologia etc., devido às mudanças de paradigmas¹. Nicolau Copérnico (1473-1543) se tornou expoente do Renascimento ao propor a polêmica reformulação do funcionamento dos astros, quando, ao invés de tomar os astros ou os objetos do conhecimento astronômico como ponto de partida para sua investigação, tomou a referência do próprio sujeito cognoscente² como fundamental para explicar que não os astros giram em torno da Terra ou do homem, mas, sim, que este, por sua estrutura mental e tendo a Terra como seu local, é capaz de se situar em e tomar como referência um determinado tempo e espaço, fazendo então que as leis que regem os astros sejam encontradas no próprio entendimento. Eis o movimento da razão que, por Kant, se convencionou chamar de “revolução copernicana”, aquele que toma não o objeto ou o que se pensa dela, mas o próprio sujeito que pensa e que investiga como ‘base segura’ para o progresso científico.

É plausível afirmarmos que essa inspiração racional (re)surgida entre o século XVI e o XIX tenha, de fato, “iluminado” a humanidade e as ciências com as ‘luzes da Razão’. No entanto, com toda a revolução se possibilitou, também, um outro obscurantismo que não aquele das ‘ilusões metafísicas’ combatido nesse período pela força do experimento científico: o obscurantismo do que está por trás do “progresso”, ou seja, a manipulação e a destruição. Em especial, o movimento conhecido como Escola de Frankfurt estabeleceu esse antagonismo na tradição filosófica. Herbert Marcuse (1898-1979), por exemplo, com

¹ Um paradigma equivale a um ‘modelo científico’, um ‘padrão’ de regras ou funcionamentos (experimentais).

² Aquel(a) que conhece.

elementos da filosofia de Marx e da psicanálise, considerado um membro dessa Escola, denuncia, dentre outras coisas, o individualismo marcado tanto pelo Iluminismo – que sacrifica a felicidade –, como pelo hedonismo – que a toma como referência exclusiva da subjetividade humana. Dois extremos: de um lado, temos a universalidade da Razão, do outro, a particularidade do sujeito, ambos a ‘dominarem’ tudo e todas e todos que possam ser considerad@s objetos seja do conhecimento, seja do prazer.

Ora, como coloca Kant, se existe algum problema no alcance dos objetivos da Razão, é porque não se trilhou a “via segura”? Como aponta o filósofo (KrV BXI-XII), isso ocorreu com a física por alguns séculos ainda, mesmo após a matemática e a lógica – já na antiguidade – terem trilhado a “via segura”. Bem, hoje podemos perceber o quanto as ciências, de modo geral, prezam pela lógica e matemática, isto é, por alguma ‘segurança’ em seus métodos. Entretanto, ainda assim existe destruição dos recursos naturais de forma cada vez mais voraz e, em muitos lugares, uma total devastação da fauna e da flora locais... Esse modo de pensar moderno, hoje, já não sugere que o problema da devastação da natureza **não** seria um problema? Afinal, a “via” não é segura? Não há um consenso sobre vários dos objetivos experimentais e instrumentalizadores das pessoas, dos animais e meio ambiente comunidades científicas afora? Destruir em prol da felicidade geral ou de seu sacrifício não é o objetivo maior?

Em suma, e de forma análoga, o combate atual de ativistas e afins contra a devastação do meio ambiente – devido às ‘ilusões materialistas’ – poderia equivaler ao combate às falsas fundamentações do conhecimento e da vida – devido às ‘ilusões metafísicas’ –, sendo a crítica moderna à metafísica antiga-medieval a mesma que incitou a emergir uma crítica desta crítica.